OS PERFIS DO LEITOR EM UM CLUBE DE LIVROS: RESSIGNIFICAÇÃO DA LEITURA

READER PROFILES IN A BOOK CLUB: RESIGNIFYING READING

Mayara Corrêa Tavares[1]
Ernani Cesar de Freitas[2]

RESUMO: A partir da temática dos perfis de leitor em um clube de assinatura de livros, a TAG – Experiências Literárias, este trabalho tem como objetivo delinear os perfis de leitor, conforme contribuições de Santaella (2007, 2013), e aplicá-los ao leitor da TAG. O corpus deste trabalho provém de recorte da coleta de dados realizada por meio de formulário on-line aplicado em uma amostra de 190 assinantes do clube. Para analisá-los, a fundamentação teórica está apoiada nos estudos de Petit (2009), Jouve (2002), Bordini e Aguiar (1988), sobre leitura e leitores. Este estudo desenvolveu-se mediante pesquisa exploratória, bibliográfica, documental, mediante pesquisa de campo com abordagem qualitativa. Os resultados permitem a ampliação do perfil do leitor ubíquo e indicam que diante da leitura dos materiais há ressignificação à medida que há interação com outros leitores.

PALAVRAS-CHAVE: Clube de livros. Ressignificação da leitura. Perfis do leitor. Leitor ubíquo.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o conceito e a concepção de leitura foram evoluindo com a civilização: a sociedade, em alguns momentos, era mais contemplativa e poucos tinham acesso aos livros. Com o surgimento de linguagens (verbo-visuais) que se entrelaçam, as pessoas adaptaram seu olhar a novos modos de ler e transitar por diferentes recursos, até chegar na modernidade, em que a população tem acesso aos livros em diferentes suportes, comunicam-se em distintos aplicativos e adaptam sua linguagem ao meio em que circulam. Assim, a maneira como o leitor realiza o ato de ler, consequentemente, também passou por mudanças, bem como o que se lê e o suporte de leitura também tiveram modificações significativas ao longo do tempo.

Com a facilidade que a tecnologia propicia, os leitores no Brasil têm aderido aos clubes de assinatura de livros e essa comunidade está crescendo, de modo que é possível estabelecer seu perfil. Por essa perspectiva, a temática deste trabalho consiste nos perfis de leitor em um desses clubes de assinatura de livros, a TAG – Experiências Literárias, que surgiu em 2014 e tem mais de 50 mil assinantes. Os associados recebem mensalmente um

[1] Doutoranda em Letras, na linha de pesquisa de Leitura e Formação do Leitor, na Universidade de Passo Fundo. Mestra em Letras pela mesma instituição. E-mail: mayaracorreatavares@hotmail.com.
[2] Doutor em Letras (PUCRS) com pós-doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP/LAEL); professor de Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo. E-mail: ecesar@upf.br.

caixa que contém um livro e materiais que complementem a sua leitura, como uma revista informativa e um mimo alusivo à obra ou ao universo literário.

Visto que estamos na era digital em que a leitura na tela, seja do computador, do *smartphone* ou do *e-reader*, está fortemente inserida no nosso cotidiano, essa modalidade de assinatura diverge acerca das expectativas estabelecidas para o livro nesse contexto tecnológico do qual fazemos parte. Embora tenhamos acesso à leitura digital, há uma parcela de leitores que não abre mão do livro impresso.

Diante disso, problematiza-se por que esse leitor, que assina um clube de livros e recebe livro e material impressos, pode ser também um leitor ubíquo? Assim, o objetivo deste trabalho é delinear os perfis de leitor, conforme contribuições de Santaella (2007, 2013), e aplicá-los ao leitor da TAG – Experiências Literárias. O corpus de análise, neste estudo, provém de recorte da coleta de dados[3] realizada por meio de formulário on-line respondido por 190 assinantes do clube[4]. Para analisar esse recorte, a fundamentação teórica está apoiada nos estudos de Petit (2009), Jouve (2002) e Bordini e Aguiar (1988), sobre leitura e leitores.

Este estudo desenvolveu-se por meio de pesquisa exploratória, bibliográfica, documental, mediante pesquisa de campo com abordagem qualitativa. Inicialmente, apresentamos a importância da leitura e seus índices no Brasil para, posteriormente, apresentar os perfis de leitores. Em seguida, essas discussões são entrelaçadas ao corpus na seção de Procedimentos metodológicos e análise. Os resultados aqui apresentados contribuem nas reflexões acerca da formação do leitor no Brasil, bem como observar seus hábitos de leitura e traçar seu perfil.

2 ALÉM DA IMPORTÂNCIA DA LEITURA

[3] Autorizada pelo Comitê de Ética da Universidade de Passo Fundo (RS), conforme parecer n.º 2.539.496.

[4] Naquele período a TAG – Experiências Literárias tinha 30 mil assinantes e passou a contar com duas modalidades de assinatura: a TAG Curadoria, proposta com a qual o clube iniciou no mercado, e a TAG Inéditos, que lança livros *best-sellers* em primeira mão aos assinantes. Independentemente do plano de assinatura, os leitores recebem um kit literário que contém um livro feito em edição exclusiva para o clube, um marcador de páginas e uma revista informativa – esses materiais vêm em uma "luva", uma espécie de caixa, que possui o mesmo design de todos os materiais. Além disso, é também enviado um mimo que pode ter relação com a obra ou com o universo literário, de modo geral.

O Brasil possui uma história recente no que diz respeito ao incentivo à leitura e suas práticas, não as restringindo somente ao ambiente escolar. Contudo, antes de centralizarmos nossa atenção para o cenário nacional, é oportuno compreender brevemente como ocorreu a evolução da leitura. O objetivo desta seção é fazer um percurso histórico em relação a essa evolução, a influência da popularização do livro e seus impactos para as comunidades de leitores, o que é literatura e qual a importância da leitura literária na formação humana.

O argentino Alberto Manguel (1997) destaca-se em relação ao tema da evolução da leitura e explora como a mudança entre leitores e livros consolidou-se ao longo da civilização. O pesquisador (1997) assevera que ler não é um processo automático e sim um processo de reconstrução pessoal, uma vez que diferentes pessoas leem a mesma obra que pode suscitar diferentes emoções, sensações e reações nesses leitores, ou seja, é uma experiência subjetiva. Todavia, para que a população tivesse acesso aos livros, como ocorre atualmente, um caminho precisou ser traçado gradualmente.

A popularização do livro ocorreu a partir do momento que sua confecção permitiu manuseá-lo confortavelmente nas mãos: com a invenção da prensa, em 1440, por Johann Gutenberg (MANGUEL, 1997). Nesse período, os livros ainda eram impressos em tamanho grande e, somente em 1494, o italiano Aldus Manutius iniciou a produção de edições em formato de bolso, mais simples e com foco na clareza e erudição do texto (MANGUEL, 1997). Posteriormente, surgiu o *hornboook*, utilizado entre os séculos XVI e XIX, que, de acordo com Manguel (1997), era uma espécie de cartilha destinada aos estudantes e feita de carvalho, bastante semelhante a uma tábua (possuía um cabo).

A brochura de bolso, modelo comum que conhecemos atualmente, surgiu no século XIX e tornou-se “menos aristocrático, menos proibitivo, menos grandioso” (MANGUEL, 1997, p. 166). Todas essas mudanças acompanharam as necessidades sociais de seus respectivos períodos para que, neste atual panorama, fosse possível estabelecer determinados vínculos e atender determinadas demandas dos leitores. Além de possuir um manuseio confortável e portátil, o leitor deseja que seu livro possua uma boa tradução, quando escrito em língua estrangeira, uma diagramação e edição que contemple uma experiência de leitura agradável e que não seja exagerada e muito simplista, o material deve condizer ao valor que tem de ser acessível para que o leitor possa adquiri-lo.

No que diz respeito à produção editorial no Brasil, Cortina (2014) destaca que, no período colonial (1500-1822), não existia nenhuma casa de impressão responsável pela publicação de qualquer obra impressa e o que havia de material impresso era oriundo de Portugal. Em paralelo aos demais países, temos uma história "recente" no que diz respeito ao livro: o autor (CORTINA, 2014) esclarece que as primeiras casas de impressão, que ocasionaram o surgimento das livrarias, datam de 1808, após a chegada da corte portuguesa – existiam somente duas livrarias no Rio de Janeiro, posteriormente, em 1816, totalizavam 12 livrarias.

É somente na primeira metade do século XX, de acordo com Cortina (2014), que o mercado editorial começa a se destacar e a partir da década 1960 que o setor se diversifica e moderniza: por meio da publicação de diferentes tipos de livro, como o livro de bolso – que é publicado desde 1494 na Europa –, coleções, entre outros. Assim como ocorre nos índices que avaliam o nível de letramento da população, por exemplo, é iníquo utilizar os mesmos parâmetros de nações que possuem uma cultura literária e leitora consolidada há muitos anos para aplicarmos em práticas brasileiras. Apesar do progresso da produção editorial em pouco tempo, existe um percurso importante a ser percorrido para que se fortaleça uma cultura literária e leitora nacional. Algumas práticas que visam tal objetivo, como a TAG – Experiências Literárias, são conhecidas não só nacionalmente, mas também no exterior, posto que os clubes de leitura, modalidade a qual a TAG pertence, são práticas presentes mundialmente e difundidas há um tempo considerável, sendo viabilizadas por diferentes instituições, organizações, empresas, entre outros.

A popularização do livro no Brasil, a partir dos anos 1960, segundo Oliveira (2018), favoreceu o surgimento de clubes de leitura, como o Círculo do Livro. Atualmente, existem inúmeros clubes de leitura para atender desde o público infantil ao adulto, como acontece com a TAG. Enquanto no país há uma crise no mercado editorial[5], que agravou-se no período de pandemia, os clubes de leitura, de modo amplo, contam com um número expressivo de assinantes que buscam, além do apelo comercial que essa modalidade de assinatura explora e sabe como explorar para atingir seus objetivos, ter experiências que transcendam a literatura e se encontrar com seus pares, interagir. No que diz respeito à TAG, a sua

[5] Conforme informação do Sindicato Nacional dos Editores de Livros (Disponível em: <https://bit.ly/2UJQXrk>. Acesso em: 05 abr. 2019).

popularização efetivou-se por atender a um nível de qualidade ao qual seus assinantes prezam, bem como possuir um bom atendimento ao cliente e valorizá-lo.

Com o transcorrer do tempo, além de um objeto que é símbolo de cultura e intelectualidade, o livro tornou-se também marca de identidade: um leitor reconhece outro leitor pelo livro que está lendo ou por portar algo que remeta ao universo literário, de modo que, por meio do título ou autor da obra, ele conhece as preferências daquele que está lendo, de pertencimento a determinado(s) grupo(s) e estabelece relações afetivas com o outro.

A associação entre livros e seus leitores é ressaltada como

> diferente de qualquer outra entre objetos e seus usuários. Ferramentas, móveis, roupas, tudo tem uma função simbólica, mas os livros infligem a seus leitores um simbolismo muito mais complexo do que o de um mero utensílio. A simples posse de livros implica uma posição social e uma certa riqueza intelectual. (MANGUEL, 1997, p. 242).

Além disso, o livro enquanto materialidade física, segundo Manguel (1997, p. 277), também pode ser "[...] sinônimo de um sentimento de apreensão intelectual". Desse modo, os leitores tornam seus exemplares especiais, ao passo que para eles, como especificado por Petit (2013, p. 38), "o livro não é um produto como outro qualquer; com ele nos situamos em um registro frágil que está particularmente relacionado ao desejo. E os leitores potenciais são sujeitos, sujeitos que desejam". A partir disso, do momento em que o livro se torna um objeto no qual os leitores anseiam em adquirir, eles atribuem importância, além do enredo, ao processo e sua qualidade de produção. Contudo, enfatizamos que tal relação torna-se relevante quando o livro é literário, pois

> todos os livros favorecem a descoberta de sentidos, mas são os literários que o fazem de modo mais abrangente. Enquanto os textos informativos atêm-se aos fatos particulares, a literatura dá conta da totalidade do real, pois, representando o particular, logra atingir uma significação mais ampla. (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 13).

Por essa perspectiva, a leitura é um processo que envolve cinco dimensões, conforme estabelece Jouve (2002): neurofisiológico, cognitivo, afetivo, argumentativo e simbólico. O primeiro compreende o funcionamento visual e cerebral acionados no ato de ler; o processo cognitivo diz respeito à compreensão do texto durante a progressão da leitura e os

significados depreendidos, uma vez que “a leitura pressupõe a participação ativa do leitor na construção dos sentidos linguísticos” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 16). A terceira dimensão, o processo afetivo, é, de forma ampla, um dos componentes essenciais da leitura e consiste nas emoções suscitadas pelo leitor e nas suas capacidades reflexivas; o processo argumentativo, por sua vez, diz respeito à capacidade crítica do leitor de se questionar ao conceber sentidos durante o ato de ler; e, por fim, o processo simbólico, a quinta dimensão, compreende a interação da leitura entre a cultura e as práticas sócio-históricas. Sobre esse, ressaltamos que o texto literário possui riqueza polissêmica que viabiliza ao leitor diversas possibilidades para que ele construa sentidos, atribua significações e ressignificações e

> daí provém o próprio prazer da leitura, uma vez que ela mobiliza mais intensa e inteiramente a consciência do leitor, sem obrigá-lo a manter-se nas amarras do cotidiano. Paradoxalmente, por apresentar um mundo esquemático e pouco determinado, a obra literária acaba por fornecer ao leitor um universo muito mais carregado de informações, porque o leva a participar ativamente da construção dessas, com isso forçando-o a reexaminar a sua própria visão da realidade concreta.
> A atividade do leitor de literatura se exprime pela reconstrução, a partir da linguagem, de todo o universo simbólico que as palavras encerram e pela concretização desse universo com base nas vivências pessoais do sujeito. A literatura, desse modo, se torna uma reserva de vida paralela, onde o leitor encontra o que não pode ou não sabe experimentar na realidade. (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 15).

A leitura literária, em especial, estabelece outras maneiras de convívio social, de interação e socialização: pelo ato de ler podemos conhecer, conforme Petit (2009, p. 94) “a experiência de homens e mulheres, daqui ou de outros lugares, de nossa época ou de épocas passadas, transcrita em palavras que podem nos ensinar muito sobre nós mesmos, sobre certas regiões de nós mesmos que ainda não havíamos explorado”. Mesmo que as experiências durante a atividade leitora sejam subjetivas, o senso de humanidade e a noção de pertencimento transcendem barreiras socioculturais, criando vínculos e ampliando o diálogo entre grupos que, se não fosse pela leitura literária, possivelmente não interagiriam.

> O ato de ler é, portanto, duplamente gratificante. No contato com o conhecido, fornece a facilidade da acomodação, a possibilidade de o sujeito encontrar-se no texto. Na experiência com o desconhecido, surge a descoberta de modos alternativos de ser e de viver. A tensão entre esses dois polos patrocina a forma mais agradável e efetiva de leitura (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 26).

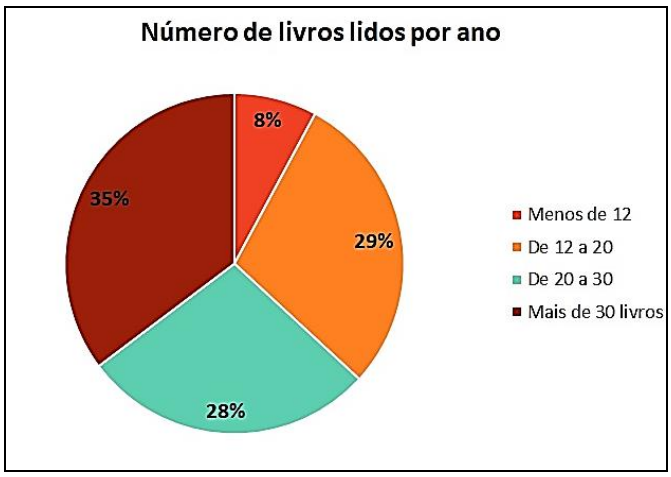
Em relação à avaliação dos índices de leitura da população brasileira, a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil é realizada quadrienalmente pelo Instituto Pró-Livro. A quarta edição foi produzida no período entre 23 de novembro a 14 de dezembro de 2015 e divulgada em março de 2016. Sua abrangência é nacional, sendo que foram feitas 5012 entrevistas que representaram 93% da população brasileira daquele ano (estimada em 188 milhões de pessoas).

Desde 2011, a pesquisa considera livros "em papel, livros digitais, livros em braile e apostilas escolares, excluindo-se manuais, catálogos, folhetos, revistas, gibis e jornais" (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2015, p. 9). Ademais, em 2015, foi alterada a definição acerca do que pode ser considerado livro lido em parte para "aqueles os quais os entrevistados leram apenas algumas partes, trechos ou capítulos" (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2015, p. 9). Além disso, o Instituto Pró-Livro (2015, p. 21) define leitor e não leitor como: leitor "é aquele que leu, inteiro ou em partes, pelo menos 1 livro nos últimos 3 meses anteriores à pesquisa" e não leitor "é aquele que declarou não ter lido nenhum livro nos últimos 3 meses, mesmo que tenha lido nos últimos 12 meses". Assim, com base nessas definições, 56% dos entrevistados da edição configuram-se como leitores e 44% como não leitores.

Nota-se que é ambíguo definir um leitor e um não leitor a partir do número de livros lidos, ou não, antes da pesquisa: cada sujeito têm um ritmo de leitura que se adequa à sua rotina. Portanto, não se descarta a possiblidade de um leitor ter sido encaixado como não leitor, nos parâmetros da pesquisa, porque não leu durante os três meses anteriores à sua resposta, mas leu nos demais meses do ano. Pode ter ocorrido também o contrário, ou seja, um leitor foi assim identificado quando pode ter passado os outros nove meses do ano sem ler.

Desses números, destacamos que o número de livros lidos é, em média, de 2,54 entre todos os entrevistados (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2015, p. 61) e de 4,54 entre os que foram classificados como leitores (INSTITUTO PRÓ-LIVRO, 2015, p. 62). Os assinantes da TAG que responderam ao formulário on-line foram além desses números, conforme Figura 1.

Figura 1 – Número de livros lidos pelos assinantes da TAG – Experiências Literárias



Fonte: Elaborada pelos autores

Em um ano como assinante da TAG, tendo recebido doze livros, esse leitor terá lido mais que a média nacional, conforme os dados da Retratos da Leitura no Brasil – 8% dos participantes (15 respostas) afirmaram ler menos de doze livros por ano. O destaque na Figura 1 é que 35% dos assinantes que responderam, independentemente do tempo de adesão ao clube, leem mais trinta livros por ano (67 participantes responderam essa opção). “De 20 a 30 livros” recebeu 53 respostas (28%) e “de 12 a 20 livros” obteve 29% das respostas (o que corresponde 55 respostas).

Além disso, os dados da Retratos da Leitura no Brasil estão na direção oposta ao dos eventos literários no país, que crescem anualmente, e do número expressivo de leitores que estão participando de algum clube de leitura de assinatura. Assim, entendemos que, diferente do que é divulgado pelas pesquisas, o número de leitores tem apresentado crescimento e que o vínculo por eles estabelecido com o universo literário é admirável:

> o leitor não consome passivamente um texto, ele se apropria dele, o interpreta, deturpa seu sentido, desliza sua fantasia, seu desejo, suas angústias entre as linhas e as mescla com as do autor. É aí, em toda essa atividade fantasmática, nesse trabalho psíquico, que o leitor se constrói. (PETIT, 2013, p. 27).

Acreditamos que um dos pontos marcantes da relação atual entre leitores e o universo literário está na capacidade de se apropriar do que lê e interagir com os seus semelhantes, os demais leitores que compartilham das sensações propiciadas pela leitura literária. Atualmente, os leitores ao compartilhar suas impressões em diferentes meios, digitais ou analógicos, motivam outras pessoas a ler ou estabelecer vínculos com outros leitores por meio dessa interação. Assim,

> por mais que os leitores se apropriem de um livro, no final, livro e leitor tornam-se uma só coisa. O mundo, que é um livro, é devorado por um leitor, que é uma letra no texto do mundo; assim, cria-se uma metáfora circular para a infinitude da leitura. Somos o que lemos. O processo pelo qual o círculo se completa não é [...] apenas intelectual; lemos intelectualmente num nível superficial, apreendendo certo significados e conscientes de certos fatos, mas, ao mesmo tempo, invisivelmente, inconscientemente, texto e leitor se entrelaçam, criando novos níveis de significado, e, assim, toda vez, ingerindo-o, fazemos o texto entregar algo, simultaneamente nasce sob ele outra coisa que ainda não apreendemos. Esse é o motivo por que [...] nenhuma leitura pode ser definitiva. (MANGUEL, 1997, p. 201).

A relação entre livros e leitores acompanha as mudanças sociais, de modo que à medida que algumas necessidades surgiram, como a ressignificação da leitura silenciosa e a inserção de tecnologias, essa relação fortalece-se. Na próxima seção serão apresentados os perfis cognitivos de leitores, conforme Santaella (2007, 2013), e as influências sociais em sua evolução.

3 PERFIS DE LEITORES

Em distintos períodos sócio-históricos a comunicação evoluiu, atendo às necessidades daquele determinado momento, de modo que distintos perfis de leitores surgiram em momentos distintos, pois, conforme a seção anterior, a relação entre os leitores e o livro, enquanto materialidade, também sofreu e sofre mutações. Assim, o objetivo desta seção é apresentá-los, bem como as suas características e o modo com que eles se relacionam, no intuito de identificar se o leitor da TAG se encaixa nesses perfis de leitor.

Lucia Santaella (2007, 2013) delineia o perfil cognitivo do leitor contemplativo, do leitor movente, do leitor imersivo e, recentemente, ainda em processo de exploração, o leitor ubíquo. Desse modo, essa teórica (2007) explora os tipos de habilidades sensoriais, perceptivas e cognitivas que envolvem a leitura e que culminam em particularidades desses tipos de leitor. É importante destacar que todos eles são influenciados pelo contexto histórico a que correspondem e que o surgimento de um não implica o desaparecimento do(s) anterior(es): os tipos de leitores coexistem, complementam-se e se completam.

Na era pré-industrial, surge o leitor contemplativo (SANTAELLA, 2007). Ele realiza sua leitura silenciosamente, estabelecendo uma relação desprovida de limitações entre o livro e

as palavras, pois não havia a necessidade de pronunciá-las. A leitura em voz alta, oralizada, continuou sendo feita, mas com o intuito de comunicar a leitura para aqueles que não podiam decodificar e socializar tal ato. Santaella (2007, p. 24) sintetiza que o leitor contemplativo "é aquele que tem diante de si objetos e signos duráveis, imóveis, localizáveis, manuseáveis: livros, pinturas, gravuras, mapas, partituras. É o mundo do papel e do tecido da tela". Acrescenta-se, então, a esse perfil o ato da meditação, pois a relação que se estabelece com a leitura de um livro ou na observação de um quadro exige o deleite e a concentração de uma dedicação em que o tempo não deve ser delimitado.

Observamos que a leitura silenciosa qualificou o leitor e a leitura como um ato solitário, ao permitir que o leitor consolide uma relação irrestrita entre o livro e as palavras, posto que "a leitura silenciosa permite a comunicação sem testemunha entre o livro e o leitor" (MANGUEL, 1997, p. 68): ao ler o livro de modo particular e reservado, a reflexão e o sentido das palavras adquirem outra significação, sem restrições e influências do ouvinte. Ao mesmo tempo, embora não pronunciar em voz alta o que se está lendo crie uma atmosfera privada, o leitor nunca está assim, porque, conforme Petit (2009, p. 43), "ler não isola do mundo. Ler introduz no mundo de forma diferente. O mais íntimo pode alcançar neste ato o mais universal".

Ademais, a leitura oralizada que antes acontecia para poder aproximar pessoas que não tinham acesso a tal ato, por diversas razões, na modernidade acontece para destacar trechos e ressignificar a leitura. Em círculos ou clubes de leitura, nos quais um grupo lê a mesma obra para socializar posteriormente, diferentes fragmentos da obra irão atingir os leitores de uma forma pessoal e profunda, conforme as vivências de cada um. Ao oralizar esses excertos, torna-se possível empregar um determinado tom e acentuá-lo de modo que (re)signifique aos demais também, pois, segundo Manguel (1997, p. 61), "as palavras escritas, desde os tempos das primeiras tabuletas sumérias, destinavam-se a ser pronunciadas em voz alta, uma vez que os signos traziam implícitos, como se fosse uma alma, um som particular". Assim, a leitura oralizada hoje, ao passo que lemos especialmente de modo silencioso, é realizada de modo a socializar e compartilhar algumas partes do que fora lido ou por meio de *audiobooks*, que possibilitam outras experiências leitoras.

Com a mudança de cenário nas grandes metrópoles, na metade do século XX, propiciada desde a Revolução Industrial (SANTAELLA, 2007; MANGUEL, 1997), e

acompanhando o fluxo de pessoas se movimentando com urgência surge o leitor movente (SANTAELLA, 2007). Destaca-se que, no mesmo período, a publicidade e o jornal como veículo de comunicação se consolidam e a linguagem não verbal dos produtos em exposição, para comercialização, produzem um jogo de imagens hipnotizantes que despertam o desejo de consumir. Dessa forma, esse tipo de leitor é

> aquele que nasce com o advento do jornal e das multidões nos centros urbanos habitados de signos. É o leitor que foi se ajustando a novos ritmos da atenção, ritmos que passam com igual velocidade de um estado fixo para um móvel. É o leitor treinado nas distrações fugazes e sensações evanescentes cuja percepção se tornou uma atividade instável, de intensidade desiguais. É, enfim, o leitor apressado de linguagens efêmeras, híbridas, misturadas. [...]. Aparece assim, com o jornal, o leitor fugaz, novidadeiro, de memória curta, mas ágil. Um leitor que precisa esquecer, pelo excesso de estímulos, e na falta do tempo para retê-los. Um leitor de fragmentos, leitor de tiras de jornal e fatias da realidade. (SANTAELLA, 2007, p. 29).

Sendo assim, além de movente, o leitor desse contexto é também fragmentado devido aos estímulos que recebe. Somando-se ao leitor do livro, meditativo, este é o leitor de formas, de direções, cores, das luzes dos carros e do cinema e que se encontra em sincronia com a aceleração do período.

Já no século XXI, a era da tecnologia e em que as informações estão à distância de um toque do *mouse*, nasce o leitor imersivo, peculiar em relação aos anteriores: ele é imersivo porque, no espaço informacional, perambula e se detém em telas e programas de leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis (SANTAELLA, 2013). Um dos traços mais característicos desse perfil é a liberdade para estabelecer sozinho a ordem informacional, uma vez que no lugar de um volume encadernado com páginas onde as frases e/ou imagens se apresentam em uma ordenação sintático-textual previamente prescrita, surge uma ordenação associativa que só pode ser estabelecida no e por meio do ato de leitura, propiciada pela tela do computador. Para isso, quatro estratégias de navegação praticadas por esse tipo de leitor são estabelecidas:

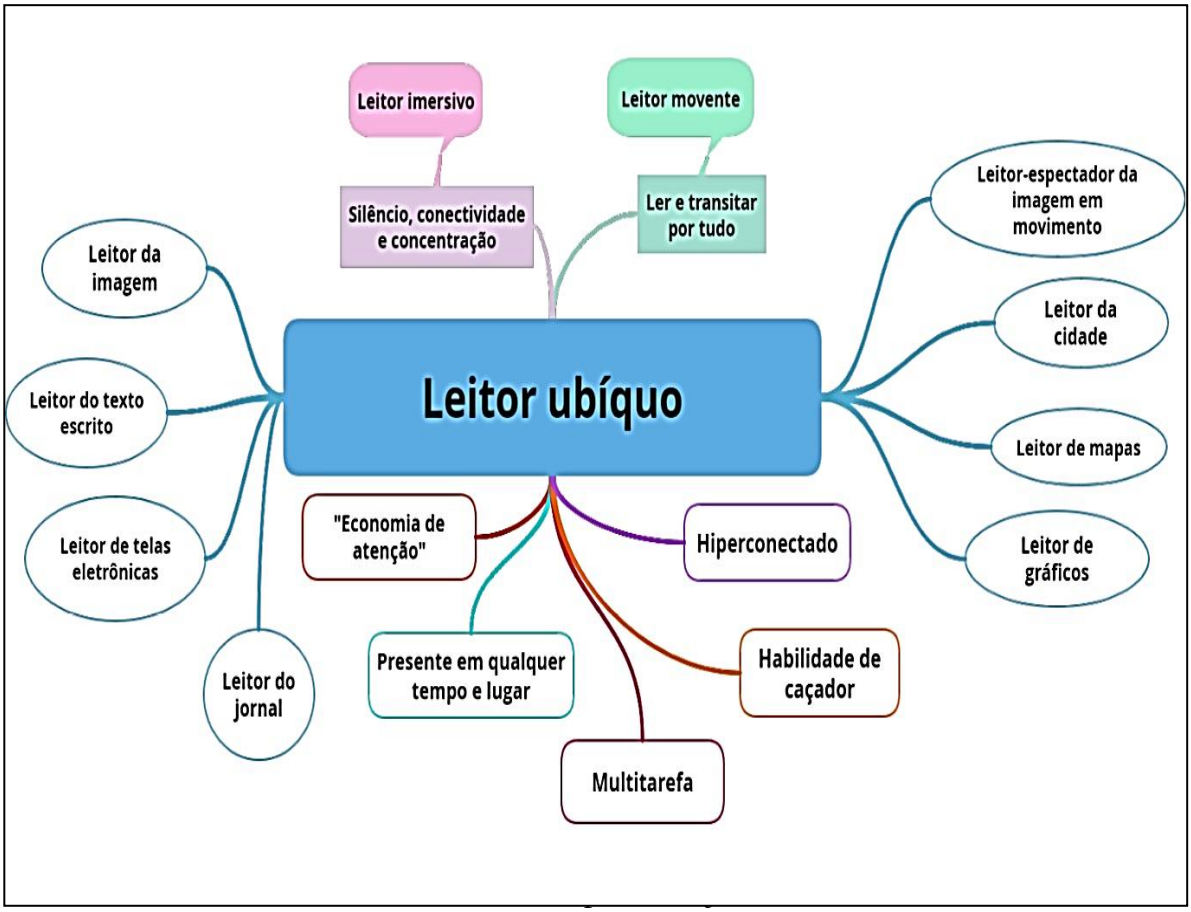
> a) escanear a tela, cobrindo uma larga superfície não linear sem profundidade de campo;
> b) navegar, seguindo pistas até que o alvo seja encontrado;
> c) buscar, ou seja, esforçar-se para encontrar o alvo preciso;
> d) explorar em profundidade, chegar até o nível da informação mais especializada. (SANTAELLA, 2013, p. 271).

O leitor imersivo é também conectado, e, portanto, interage em diferentes suportes com a agilidade de quem, aparentemente, sempre realizou tais tarefas e as executa sem dificuldade. Tem-se discutido e pesquisado se a leitura feita por esse perfil de leitor é profunda ou superficial, visto sua habilidade em escanear e navegar pela *web*, como igualmente ocorre com seu sucessor, o leitor ubíquo.

O leitor ubíquo, por sua vez, possui características dos tipos de leitor movente e imersivo: a capacidade de ler e circular entre formas, direções, cores e luzes, em sincronia com a aceleração e os ruídos das pessoas, meios de transporte e máquinas, ao passo que se encontra e transita por ambientes físicos (casa, trabalho, lazer) e realiza a leitura dos signos presentes nesses espaços, na sintonia que já lhe é habitual. O termo ubiquidade provém da computação e se refere a "um tipo de computação que se localiza entre a computação pervasiva e a computação móvel" (SANTAELLA, 2013, p. 277), e envolve a integração da mobilidade com os sistemas de presença distribuída.

A Figura 2 apresenta de modo conciso as características que o leitor ubíquo adquiriu do leitor movente e imersivo, bem como quais são suas singularidades.

Figura 2 – Leitor ubíquo



Fonte: Elaborada pelos autores

Diante de todos os fluxos de conteúdos disponíveis a esse perfil de leitor, o sistema nervoso reage aos estímulos do mundo ao redor e do mundo informacional, o que exige um esforço maior em armazenar tais informações, em memorizá-las e responder a esses estímulos por meio de multitarefas, que é diferente de realizar inúmeras atividades simultaneamente, pois, segundo Santaella (2013, p. 280), "refere-se à habilidade de manter uma imagem mental de conjuntos complexos de relações e ajustá-los rapidamente às mudanças nas pistas perceptivas". O traço distintivo do leitor ubíquo aos anteriores é a influência tecnológica cada vez mais presente: os *smartphones* permitem infinidades na palma da mão e estão além de somente comunicar-se – interage-se, conhece-se e se desbrava o mundo com a facilidade advinda desses aparelhos.

A habilidade de caçador do leitor ubíquo é a capacidade de escanear um texto em busca de sinais ou pistas que o conduzem a encontrar as informações almejadas (SANTAELLA, 2013), em oposição à habilidade de fazendeiro, que consiste em realizar uma sequência de tarefas que demandam uma atenção localizada (SANTAELLA, 2013). Entretanto, para que tais aptidões se concretizem, uma é complementar à outra, não superior, e ambas são importantes e acionadas durante a leitura, de modo que "não se perde a capacidade de concentração em estímulos específicos, sabendo-se diferenciá-la do escaneamento de estímulos complexos quando isso é necessário" (SANTAELLA, 2013, p. 281).

Apesar disso, a leitura digital altera a ordem dos discursos. Essa ordem é definida de acordo com a materialidade do suporte (livro, jornal, revista, por exemplo) e que

> isso não acontece mais no mundo digital, onde todos os textos, sejam eles quais forem, são entregues à leitura num mesmo suporte (a tela do computador) e nas mesmas formas (geralmente as que são decididas pelo leitor). É assim criada uma continuidade que não mais distingue os diferentes gêneros ou repertórios textuais que se tornaram semelhantes em sua aparência e equivalentes em suas autoridades. Daí a inquietação de nosso tempo diante da extinção dos critérios antigos que permitam distinguir, classificar e hierarquizar os discursos. [...] A técnica digital entra em choque com esse modo de identificação do livro pois torna os textos móveis, maleáveis, abertos e confere formas quase idênticas a todas as produções escritas: correio eletrônico, base de dados, sites da *Internet*, livros etc. (CHARTIER, 2002, p. 109-110).

Todavia, até um determinado ponto, há alterações no modo com que lemos na tela do computador ou do *smartphone*, mas com os livros não existem grandes impactos: transferiu-se o suporte, do físico, o livro impresso, para o digital, o *e-book*, que pode ser lido nas telas ou suportes produzidos exclusivamente para a sua leitura. Diferentemente do que se imaginava quando a ideia de livros eletrônicos surgiu, no início dos anos 2000, são poucos os materiais a partir dos quais o leitor pode interagir efetivamente com a obra: no *e-reader* (aparelho produzido para armazenar livros digitais) ele pode trocar a fonte, aumentar/diminuir a letra e espaçamento das margens, das entrelinhas e o manuseio das páginas para progredir ou voltar a leitura está a um toque do dedo, uma vez que as telas mais modernas são *touchscreen*.

Em relação a isso, Chartier (1998) esclarece que o leitor que lê em suporte digital é mais livre, pois o suporte permite interações mais numerosas do que o livro como materialidade física e o leitor está mais distante do que é escrito, de modo que "a tela aparece como ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo" (CHARTIER, 1998, p. 13). Todavia, o suporte digital, a leitura em *e-books* nos *e-readers*, não irá extinguir o livro impresso: eles irão coexistir, suscitando reflexões acerca do papel cultural de ambas as materialidades, impressa e digital.

Apesar da facilidade e portabilidade – é possível carregar mil livros digitais no mesmo suporte, com peso mínimo –, os *e-books* não tiveram a adesão que se esperava. Mesmo com as qualidades dos livros digitais, muitos leitores ainda preferem os livros físicos pelo contato que se estabelece com o material.

Na próxima seção, o corpus deste trabalho, constituído de alguns dados da pesquisa feita com os assinantes da TAG, será visto à luz desses perfis de leitor e da relação estabelecida entre leitor e livros.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE

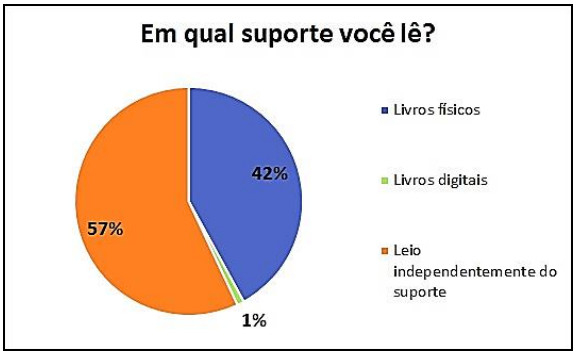
Entre os meses de março e abril de 2018, foi aplicado um formulário on-line aos assinantes da TAG Curadoria, no intuito de identificar um perfil de leitor, conhecer os hábitos de leitura dessas pessoas e a relação estabelecida por eles com os kits recebidos. A aplicação ocorreu de forma voluntária, por meio das redes sociais e em grupos de WhatsApp

e 190 assinantes, de diferentes estados brasileiros, responderam o formulário. Como a TAG não fornece informações sobre seus clientes, não é possível delimitar qual a amostragem destes dados.

Em sua totalidade, o formulário possui 21 perguntas e para este trabalho foram selecionados o recorte dos dados referentes a cinco perguntas: 1) “Em média, quantos livros você lê por ano?” (conforme já apresentada na Figura 1); 2) “Em qual suporte você lê?”; 3) “Durante a leitura, você...” e 4) “Após a leitura, você...”, acerca da interação sobre o que está sendo/foi lido; e 5) “Como ocorrem as discussões”, sobre a interação após a leitura e onde/como ocorre. Para as perguntas 3, 4 e 5 havia possibilidade de marcar mais de uma resposta.

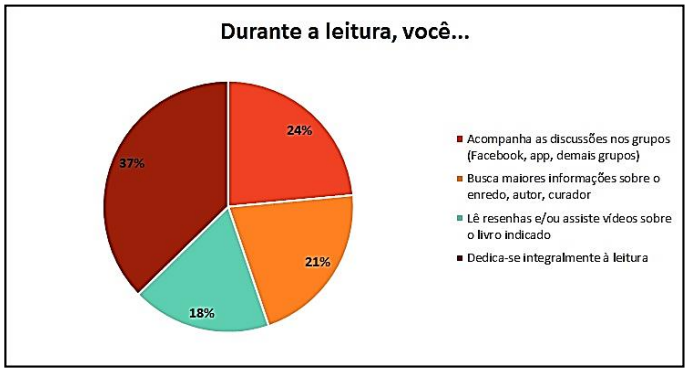
Primeiramente, apresentamos esses dados, conforme Figura 3, Figura 4, Figura 5 e Figura 6, para que, em seguida, o marco teórico seja resgatado para a sua análise e compreensão: os perfis de leitor (SANTAELA, 2007, 2013), os processos estabelecidos durante a leitura (JOUVE, 2002) e a relação desses leitores/assinantes com os livros e a leitura (PETIT, 2009; BORDINI; AGUIAR, 1988).

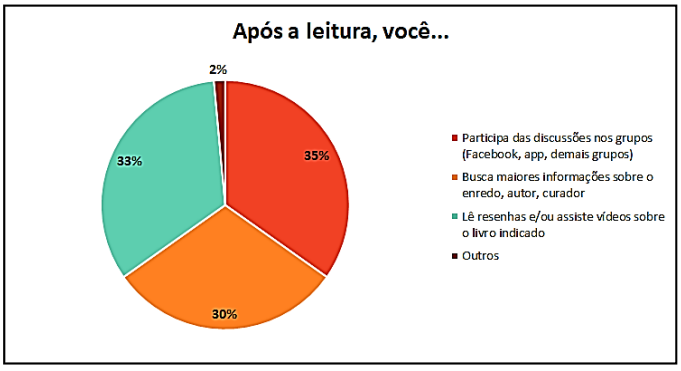
Figura 3 – Suporte de leitura



Fonte: Elaborada pelos autores

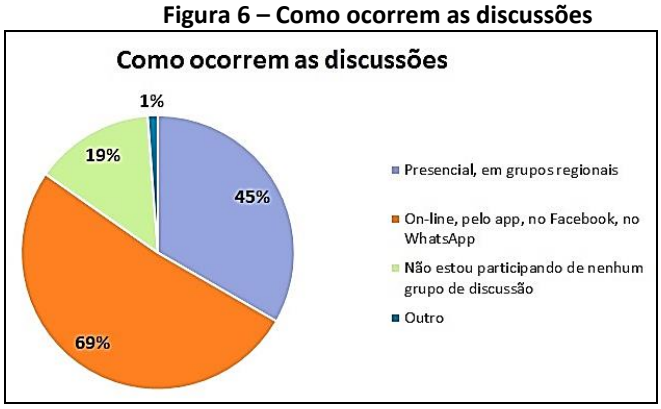
Figuras 4 e 5 – Durante a leitura e Após a leitura





Fonte: Elaboradas pelos autores

Figura 6 – Como ocorrem as discussões



Fonte: Elaboradas pelos autores

Se a leitura em suporte eletrônico, a leitura de livros digitais torna um leitor ubíquo, por meio da Figura 3 o problema de pesquisa – "por que esse leitor, que assina um clube de livros e recebe livro e material impressos, pode ser também um leitor ubíquo?" – já teria sua resposta: 57% dos assinantes da TAG lê independentemente do suporte, seja físico ou digital, embora assine para receber um kit impresso. Todavia, a partir do que Santaella (2013) estabelece como características do leitor ubíquo, é possível atribuir outras qualidades e resgatar os demais perfis, uma vez que aquele perfil é construído a partir do leitor imersivo e do leitor movente – o leitor da TAG também tem traços do leitor contemplativo.

O primeiro perfil, o leitor contemplativo (SANTAELLA, 2007), surge quando o assinante da TAG recebe seu kit literário. Ele(a) realiza a leitura silenciosamente entre todas as materialidades, de modo que se concentra e se dedica a relacioná-las. A partir do momento em que se busca estabelecer vínculo entre os elementos verbo-visuais, o leitor movente (SANTAELLA, 2007) surge: desde a proposta do design gráfico que, uma vez que o livro é produzido exclusivamente aos associados, pode ser sensorial (a textura da capa, por exemplo) e indicar elementos da narrativa, ou, ainda, o mimo pode ter vínculo com esses materiais, instigando esse leitor a descobrir como e porque isso acontece. Essas associações são depreendidas com o suporte impresso, o que pressupõe que ao interagir com o livro no formato digital, as percepções sejam outras, as quais esta pesquisa não contempla.

Em paralelo a esses dois perfis de leitor, o processo afetivo (JOUVE, 2002) também é sutilmente acionado. Sutilmente porque à medida que a leitura decorre, há ressignificação dessa afetividade e, nesse momento, o leitor da TAG está em um movimento de relacionar

os itens do kit literário. Segundo Jouve (2002, p. 19) “o charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita” e isso se transforma progressivamente até o término da leitura.

Uma vez que os materiais que compõem o kit literário são o livro, a revista informativa, o marcador de páginas, o mimo e a “luva”, e que o leitor já os visualizou, é necessário estabelecer uma ordem de leitura. A partir disso, surge o leitor imersivo (SANTAELLA, 2013) e a ordenação pode ocorrer entre materiais – a revista e o livro: aquela pode ser lida antes, durante ou ao término da leitura do livro; este, por sua vez, pode ser lido antes ou depois da revista – ou entre os elementos apresentados (projeto gráfico do kit, música e símbolos que remetem a determinadas culturas, entre outros) e que serão evocados no e por meio do ato de leitura.

Cabe salientar que, embora o leitor imersivo estabeleça estratégias de navegação para a leitura na tela do computador, conforme Santaella (2013), elas podem ser requeridas também na leitura em suporte físico, impresso: uma primeira leitura do kit é realizada, de modo que ele escaneie o material sem uma determinada linearidade e profundidade de campo. O leitor navegará visando encontrar as pistas necessárias para que seu objetivo seja alcançado. Assim, ele se esforça para buscar as informações precisas. Por fim, ele explora em profundidade essas informações, no sentido de apreender o que for necessário para uma leitura mais elaborada a partir dos dados que já possui.

Na Figura 4, sobre os hábitos do leitor da TAG enquanto realiza a leitura, 37% dos leitores afirmaram que se dedicam integralmente a isso, ao passo que 24% acompanham as discussões nos grupos, 21% buscam maiores informações sobre o enredo, o autor e o curador e 18% leem resenhas e/ou assistem a vídeos sobre o livro indicado. Ao ler a obra exclusivamente, dois processos são mobilizados: o processo simbólico e o processo cognitivo (JOUVE, 2002). Em relação ao primeiro, é na e por meio da leitura que a interação entre cultura e práticas sócio-históricas é feita e ao finalizar a obra esse processo é ressignificado, uma vez que há compreensão do todo. Por essa perspectiva, segundo Bordini e Aguiar (1988, p. 9), “o livro é o documento que conserva a expressão do conteúdo de consciência humana individual e social de modo cumulativo. Ao decifrar-lhe o texto o leitor estabelece elos com as manifestações socioculturais que lhe são distantes no tempo e no espaço”.

No que diz respeito ao processo cognitivo, de acordo com Jouve (2002, p. 19), “o texto coloca em jogo um saber mínimo que o leitor deve possuir se quiser prosseguir a leitura”. Ocorre, assim, a compreensão do texto e os seus significados são depreendidos. Do mesmo modo que o processo afetivo, esse processo é ressignificado conforme a leitura evolui.

Ao finalizar a sua leitura, os leitores da TAG afirmaram que, conforme Figura 5, 35% participam das discussões nos grupos, 33% leem resenhas e/ou assistem a vídeos sobre o livro indicado e 30% buscam maiores informações sobre o enredo, o autor e o curador. Somente 2% afirmaram que tentam participar do encontro presencial e que isso acontece se a obra chamar a sua atenção. Independentemente desse leitor participar de encontros presenciais, ele faz uso do recurso das mídias digitais para complementar a sua experiência leitora, o que amplia a noção de leitor ubíquo proposta por Santaella (2013). Além de realizar a leitura tanto no suporte físico quanto no digital, ele interage, socializa e compartilha nas redes. Segundo Petit (2009, p. 43), “ao compartilhar a leitura [...], cada pessoa pode experimentar um sentimento de pertencer a alguma coisa, a esta humanidade, de nosso tempo ou de tempos passados, daqui ou de outro lugar, da qual pode sentir-se próxima” e, para que isso ocorra, o leitor da TAG também faz uso da habilidade de caçador (SANTAELLA, 2013), ao escanear o livro e demais materiais em busca de informações para suscitar discussões ou chamar a atenção dos outros leitores.

Os processos neurofisiológico e argumentativo, estabelecidos por Jouve (2002), surgem no funcionamento visual e cerebral acionados no ato de ler (neurofisiológicos) e, em relação a isso, a literatura “funciona como um jogo em torno da linguagem, das ideias e das formas, sem estar subordinada a um objetivo prático imediato” (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 26). Da mesma forma, o processo argumentativo advém da capacidade crítica do leitor de se questionar ao conceber sentidos durante a leitura e Petit (2009, p. 26) afirma que “os leitores apropriam-se dos textos, dão-lhe outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda a alquimia da recepção”.

Ao realizar a leitura, seja o leitor assinante da TAG, participante de outro clube de livros ou um leitor na acepção do que isso significa por si só, todos esses processos e perfis são acionados constantemente, de modo imperceptível e variando conforme a trajetória leitora de cada pessoa. O que torna a leitura subjetiva e profícua é isso: ela atinge cada um

de nós do seu jeito, propiciando diferentes experiências – para alguns elas são mais significativas, para outros, talvez. Mas, ninguém permanece a mesma pessoa ao fechar o livro, concluir sua leitura, mesmo que a guarde somente para si ou compartilhe na *web*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletir sobre a evolução do livro, da leitura e a interação do leitor ao longo dos anos é significativo, o olhar diacrônico para esse aspecto permite-nos compreender como a história do livro é trilhada paralelamente à sociedade – ambas mudam e são ressignificadas em conjunto. Assim, podemos prever quais os rumos dessa relação e pensar em práticas de leitura que a acompanhem.

Os clubes de assinatura de livros, que apontaram no Brasil nos anos 1960, retornam no século XXI e contam com a tecnologia como aliada, de modo que os perfis de leitor são acionados e repensados constantemente. Por essa perspectiva, a temática deste trabalho consistiu nesses perfis voltados a um clube de assinatura de livros, a TAG – Experiências Literárias, que surgiu em 2014 e tem um número expressivo de assinantes. Embora esses leitores recebam um kit literário com materiais impressos, cujo questionamento norteou o problema de pesquisa deste trabalho – sobre o porquê desse leitor ser também leitor ubíquo, um leitor das redes – o assinante da TAG é ubíquo porque lê a despeito da materialidade, seja em livro impresso ou digital, e interage por meio da internet: aplicativos, redes sociais, entre outros, conforme dados apresentados nesta pesquisa.

Quanto ao objetivo deste trabalho, que respaldou em delinear os perfis de leitor, conforme contribuições de Santaella (2007, 2013), e aplicar ao leitor da TAG: compreendemos e apresentamos que eles são acionados à medida que a leitura dos materiais é realizada, permitindo ressignificações constantes em todas as etapas. Destacamos que essas experiências de leitura podem ser observadas também ao ler livros literários encontrados em livrarias, não é algo exclusivo dos clubes de assinatura de livros, o que permite variações no acionamento desses perfis de leitor conforme há interação do leitor e a obra.

Assim, os resultados aqui apresentados contribuem nas reflexões acerca da formação do leitor no Brasil, bem como seus hábitos de leitura e traçar o seu perfil. Pesquisas que

possibilitem esse diálogo entre leitura e sociedade são oportunas, sobretudo em um país que sabe da importância de melhorar seus índices de leitura, o que irá refletir positivamente no desempenho dos brasileiros em exames que avaliam o ensino, por exemplo. Ao discutirmos sobre a leitura e ao atribuirmos a sua devida importância mobilizamos a sociedade para que aconteçam progressos: uma sociedade leitora só tem a beneficiar-se, é um assunto inesgotável e que exige e permite muitas reflexões.

ABSTRACT: Based on the theme of reader profiles in a subscription book club, TAG – Experiências Literárias, this work aims to outline the reader profiles, according to contributions from Santaella (2007, 2013), and apply to the reader of TAG. The corpus of this work comes from a cutout of the data collection made through an online form applied to 190 club subscribers. To analyze them, the theoretical basis is supported by the studies of Petit (2009), Jouve (2002), Bordini and Aguiar (1988), on reading and readers. This study was developed through exploratory, bibliographic and documentary research and a data collection was carried out, as previously described; the approach is qualitative. The results allow the profile of the ubiquitous reader to be broadened and indicate that in the face of reading materials there is a resignification of reading as there is interaction with other readers.

KEYWORDS: Book club. Resignification of reading. Ubiquitous reader.

Referências

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura:* a formação do leitor: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto. São Paulo: Ed. Unesp, 2002.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro:* do leitor ao navegador. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

CORTINA, Arnaldo. *Perfil do leitor brasileiro contemporâneo*: os livros mais vendidos do Brasil de 1966 a 2010. Campinas: Mercado de Letras, 2014.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. *Retratos da leitura no Brasil*. 4. ed. Disponível em: <https://bit.ly/31JO7UV>. Acesso em: 18 ago. 2020.

JOUVE, Vincent. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MANGUEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

OLIVEIRA, Isa Marques. O mercado editorial da curadoria literária: do Círculo do Livro ao modelo da TAG Experiências Literárias. *Em Tese*, [S.l.], v. 23, n. 2, p. 158-173, maio 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2PPdtuM>. Acesso em: 18 ago. 2020.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura:* uma nova perspectiva. 2. ed. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2009.

PETIT, Michèle. *Leituras:* do espaço íntimo ao espaço público. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2013.

SANTAELLA, Lucia. *Navegar no ciberespaço:* o perfil cognitivo do leitor imersivo. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

SANTAELLA, Lucia. *Comunicação ubíqua:* repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.